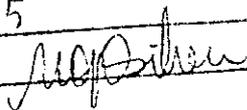


Relatório de Pesquisa com Kren Akorore

Entre agosto de 1980 e outubro de 1981, passei doze meses com os Kren Akorore no Parque Nacional do Xingu. Cheguei primeiro em agosto e fiquei até dezembro de 1980, quando saí para encontrar com minha mulher e auxiliar de pesquisa em Brasília. Fiquei em Brasília uma semana e voltamos para o Xingu, passando por Kretire e Diauarum.. Ficamos juntos na aldeia Kren Akorore até março de 1981 quando saímos para Brasília e minha mulher foi para os Estados Unidos. Voltei para o Xingu de novo nos princípios do abril e fiquei até outubro quando saí para os Estados Unidos para organizar e estudar os dados que colhei no Xingu.

Quero tomar a oportunidade para agradecer a FUNAI para a sua cooperação e ajuda em todos os aspectos da pesquisa. Sem esse ajuda o projeto não teria sido possível, tanto no caso do pessoal de AGESP que facilitou autorização e transporte para o Xingu, quanto no caso dos funcionários no Xingu quem ajudaram inestimavelmente o projeto.

De modo geral, o resultado mais importante da pesquisa é o conhecimento do processo de adaptação dos Kren Akorores ao Parque Nacional Xingu que eu podia conseguir. Nos últimos seis anos os Kren Akorores tem conseguido uma adaptação impressionante no Xingu, apesar de grandes dificuldades, e hoje em dia tem uma aldeia própria e auto-suficiente na produção da comida, uma vida social estável, e relações sociais normais com os outros grupos xinguanos. Na época quando eles chegaram no Parque (1975-77) e ficaram nas aldeias Kayabi, Txucarramãe, e Suya (bem como o posto de Diauarum) ficaram desmoralizados, sem o conhecimento necessário para pescar e caçar no Xingu (onde se encontra condições ecológicas bem diferentes do que no Peixoto de Azevedo de onde eles vieram). Também quando eles chegaram não tinha nenhuma mulher grávida (o que indica a desorganização social e a má saúde que eles passaram no Peixoto após do contacto). Mais ou menos vinte crianças nasceram desde 1977, quando fizeram a aldeia própria. Os Kren Akorores,



②

acharam condições para recuperar a sua autonomia e a sua cultura, no Xingu, e isso mostra o valor enorme de ter um lugar assim. Não obstante o sucesso da sua adaptação ao Xingu, os Kren Akorores ainda acham que o Peixoto de Azevedo é melhor para agricultura e para caçar e pescar. Dizem, de modo geral, que é uma região muito mais rica do que o Xingu, e gostariam de voltar.

O sinal mais aparente da condição reduzida da cultura Kren Akorore é a população reduzida atual. Muitos morreram no Peixoto e uns ficaram com outros grupos no Xingu quando a maioria foram para fazer a aldeia própria. (Tem onze Kren Akorores que ainda moram com outros grupos, principalmente com Txucarramãe em Kretire.) Mas no ano que eu estava lá quatro pessoas voltaram para a aldeia Kren Akorore, o que indica que a aldeia é percibido como estavel e forte. Um dos problemas mais graves que tem hoje em dia é que tem mais mulheres do que homens, o que quer dizer que tem mulher de idade para casar, sem homen para se casar. Se eu fosse fazer uma sugestão seria que a FUNAI desse tudo apoio possivel ao Kren Akorores nas esforcas de trazer mais pessoas á aldeia (por exemplo, arranger transporte para uns deles ir ate Mekranoti e Kokrainoro para conversar com os homens Kren Akorores que foram para lá.) Mas de qualquer forma, a adaptação dos Kren Akorores ao PNX continua. Vou descrever uns aspectos desse processo na discussao da produção da comida, o que é o processo fundamental na vida quotidiana xinguno e Kren Akorore.

## Produção da Comida

A atividade mais visível na vida Kren Akorore é a produção da comida, não somente na prática, mais também na conversa e discurso formal. O que come Kren Akorore, o que comem outros índios, o que come caraíba, como é preparado, são assuntos de alto interesse, e se faz frequentemente comparação entre a vida no Xingu e a vida no Peixoto de Azevedo em termos de comidas que não existem mais no Xingu, que tinham no Peixoto, ou comidas novas que não tinha no Peixoto. Vou portanto descrever os processos básicos de produção da comida e a sua organização como uma divisão de trabalho entre homem e mulher e as categorias de idade.

### Pescaria

No Xingu a pescaria fornece o fonte de proteína mais seguro e conseqüentemente é uma atividade importante. De modo geral, só homem pesca. Uma pescaria efetiva precisa conhecimento e prática de várias técnicas correspondendo às condições diferentes governados pela subida e caída do rio na chuva e na seca. Desde que o rio sobe entre cinco e seis metros anualmente, grandes techos da floresta ficam inundados e a população de peixe se espalha no mato. Técnicas de pescaria variam muito entre a seca e a chuva, e entre as etapas das estações. No Peixoto a pescaria foi menos importante do que é no Xingu, e as únicas técnicas praticadas no Peixoto foram <sup>vs</sup> emonação dos peixes com timbo e pescaria com arco e flecha. No Xingu, uma região caracterizada pelos rios maiores, os Kren Akorores aprenderam informações técnicas e ecológicas novas nos seis anos que eles moram lá.

156  
1096/80

Eles pegam tanto peixe quanto os outros grupos xinguanos, os quais moram no Xingu muito mais tempo.

A grande inovação, e a técnica mais produtiva na atualidade xinguanos, é pescaria com anzol e linha. A pescaria com anzol e linha é feita sem pau; o pescador joga a linha de mão. Enquanto isso não é muito difícil aprender, necessita uma certa prática, e o pescador inexperiente perde tempo quando a linha enrola, pega pau, etc. Informantes constataam que o pessoal tinha dificuldades desse tipo, as quais foram reparados pelos outros índios. Atualmente, todos os homens sabem pescar com anzol e linha, a exceção de mais velho, quem pesca infreqüentemente com arco e flecha. Ninguém é conhecido como pescador especialmente bom ou ruim, enquanto uns homens pegam mais peixe do que outros ao longo prazo. Quatro meninos também pescam regularmente e pegam peixe, mas menos do que homens adultos pegam.

A estação mais abundante para pescaria é a seca. A partir de final do maio ou junho, quando o rio está dentro dos margens, até outubro ou setembro, quando ele começa derramá-los de novo, o rio Xingu abunda em peixes grandes. "Grande" nesse contexto quer dizer na média de dois kilos, Geralmente o pescador pega peixe de entre meio kilo e quatro kilos, ou as vezes maior, nessa estação. As espécies de peixe que se encontra mais freqüentemente são piranha, peixe cachorro, curvino, bicuda, pintado, barbado, e uns outros espécies de peixe de couro com nomes portugueses não identificados. Esses espécies de peixe são mais abundantes quando o rio fica mais baixo- de julho até setembro, na plena seca. No junho e julho, e do setembro até novembro, pirarara e jau são pegados, e individuais desses espécies pesam de tres kilos para cima. Por causa da abundancia relativa dos peixes nessa estação, a pescaria fica mais facil do que na chuva. Geralmente, entre um e quatro homens saiam da aldeãã mais ou menos uma hora antes de amanhecer, remam por trinta minutos, até chegarem numa praia onde pegam iscas. Pescaderes levam só linha, anzóis, chumbo para pescar (se tiver)

PROC. N. FUNAI 1096/80  
 Fis. 157  
 Rubrica *M. A. S. S.*

PROC. N. FUNAI  
 Fis.  
 Rubrica 3

e arco e flecha ou espingarda para matar caca ou passarinhos no caminho. Iscas são pegados com insectos, ou pedacos de fruta, ou mandioca. Um pouco depois de amanhecer os pescadores prosequem até um dos várias pontos que dá peixe e comecam de pescar. Nessa pescaria usa-se anzol grande, linha pesada e chumbo desde que os peixes grandes preferam água funda e essas áreas sejam livre de pau, pedras, e outros obstáculos. Meninos as vezes assistem nessas expedições, mas dificilmente pegam mais do que um ou dois peixes, devido ao tamanho dos peixes e a distancia do margem onde se acha os peixes. Eles pescam em varios lugares, entre uma meia hora e duas horas de distancia da aldeia, conforme os informantes correntes sobre onde está dando peixe num dia determinado. Na plena secca a pescaria geralmente acaba entre dez horas e onze horas de manhã, desde que os peixes comem menos no meio dia, e os pescadores voltam para a aldeia. A quantidade de peixe pegado numa expedição varia muito. A maior quantidade que eu vi foi quarenta kilos de peixe (vinte peixes), que um homen pégou sozinho entre seis horas e meio dia, e tambem vi quantidades mais ou menos iguais nas tres ou quatro outras occaisões. O menor quantidade seria um ou dois peixes, mais muito dificilmente acontese isso na secca. Mais freqüentemente um grupo de homens traz doze ou dezoito peixes a aldeia, o que é dividido entre todos deles, mais o que só uns deles pegaram. Não tem estigma em não pegar peixe num dia determinado, e o sorte muda de dia em dia.

Na volta a aldeia, os homens pescam para tucunaré na lagaa no caminho até a aldeia, remando devagar enquanto eles jogam a linha, puxam até a canoa, jogam de novo etc, para imitar peixinho. Culheres de metal (para pescar) são também usados nesse contexto, pelos homens que os tem. Ou, um homen, pode ficar em pé na frente de uma canoa procurando tucunaré, curimatá, piaui, arraia e outros peixes, enquanto um outro rema. Geralmente menos do que tres peixes são pegados nesse jeito na meia hora que leva chegar até a aldeia.

Pescaria na secca não é restringido aos lugares pertos da aldeia. Os homens também exploram lugares mais distantes, e podem ficar fora da aldeia ate tres dias em seguida para pescar. Um lugar, um afluente do Xingu, e conhecido como lugar bom

151  
AA  
1096180  
4

para trahirão e tucunaré, outros dão pacu, piranha, pintado e outros peixes de couro. Os homens geralmente sabem qual peixe pode ser esperado num lugar dado, e na medida que é possível eles se preparam para cada lugar. Se os tiverem eles usam anzóis de tamanhos diferentes para tipos de peixe diferente, o que permite uma exploração melhor da população do peixe. Por exemplo, um anzol apropriado para pacu (geralmente menos do que um kilo e meio) podia ser quebrado pela piranha, enquanto um anzol bom para pintado (muitas vezes mais do que tres kilos) seria grande demais para piranha (o que é geralmente menos do que dois kilos), de maneira que piranhas menores simplesmente comam a isca. Os homens também conhecem muito bem os habitos alimentares dos peixes e usam esse conhecimento na pescaria.

Expedições de pescaria no Xingu são feitos pelo menos de tres em tres dias, mas se um homem não for pescar no Xingu ele vai pegar peixinho proximo da aldeia, ou pode pescar com arco e flecha para tucunaré, curimatá, piau, etc, na lagoa. Pescaria para peixinho é feito em todas as estações, mas é mais productiva na secca. Meninos, meninas, e mulheres também pescam para peixinho. As velhas, porem, não fazem isso. Mulheres também podem pilotar a canoa para os seus maridos ou outros parentes na pescaria na lagoa.

Na final da secca, quando o rio fica muito baixo, eles fazem pescaria com timbo. Na secca de 1980, tres expedições para matar peixe com timbo foram feitos, mas so duas dessa foram bem sucedidos. Os maiores expedições desse tipo são collectivos. O maior se deu em setembro, na lagoa, onde a agua estava rasa. Para começar, uma barreira foi construido na agua, uns trinta metros de largura naquele ponto, feito de pau e coberta de folha de banana. Isso levou varios dias para acabar, com todos os homens da aldeia trabalhando eventualmente. Quando acabou a barreira, todos os homens jovens foram para Diauarum para cortar timbo, porque não se encontra a espécie do timbo mais eficaz perto da aldeia. No dia seguinte, pouco depois de amanhecer, a aldeia toda

1096180  
260

4  
PROC. N.º FUNAI 10.96/80  
Fls. 158 5  
Rubrica *J. P. Silva*

se deslocou para a beira da lagoa, onde grupos familiares fizeram fogo, enquanto os homens jovens carregaram pacotes de timbo para a água. Ai, eles se dividiram em dois grupos, os metades rituais (antigamente os sociedades das casas dos homens, chamados kiatantera e tsotantera) e nesses dois grupos nos lados opostos da lagoa eles bateram no timbo, cantando e gritando alternando entre os dois grupos. Um grupo batia e cantava enquanto o outro ficava calado e inactivo, e depois trocaram. Depois os grupos entraram na água alternadamente, mexendo os pacotes de timbo na água e batendo mais e continuaram assim durante mais ou menos uma hora, até que peixinhos começaram boiar na superfície da água. O timbo não mata peixe, mas impede a respiração dele de maneira que ele nada lentamente e perto da superfície da água e pode ser pegado facilmente. Quando os peixinhos apareceram meninos e mulheres entraram na água com panelas e começaram pegar peixe de mão, enquanto os homens continuavam a espalhar o timbo na água. Quando apareceram peixes maiores, os homens deixaram os pacotes e pegaram arcos e flechas para matá-los. O timbo atinge cada vez peixe maior de jeito que na tarde tinham começado matar peixe grande (come trahirão e tucunaré) e continuaram matando peixe durante tres dias. Na tarde do primeiro dia cada casa na aldeia tinha entre quinze e vinte peixes assando no jirau, e o pessoal ja tinha comido os peixinhos. Essa pescaria produziu o maior quantidade do peixe que eu vi na aldeia. Os outros pescarias colectivos com timbo foram feito no mesmo jeito, mas nas lagoas no mato, e deram menos peixe. Uma expedição fraccasou, ou pelo menos produziu só pexinho muito pequeno, e pouco.

Quando o rio sobe em outubro e novembro, os homens pescam mais distante da aldeia e ficam pescando mais tempo por dia, e pegam peixe menor. A quantidade de peixe de couro diminui enquanto a proporção de piranha aumenta, e na hora que o rio começa innundar o mato o tucunaré acaba. Antes da innundação da floresta, os homens vão para lagoas e riachos no mato para pegar trahira, o que abunda nessa estação. Quando o rio derrama os margema eles pescam fre-

158  
196.180 6

qüentemente com arco e flecha, para curimatã, piau, e várias espécies do peixe cujas nomes portugueses desconheço. Eles também pescam de madrugada e depois de por do sol, na lagoa, para peixe de couro e trahirão, os quais são infreqüentemente pegados tanto quanto na secca. Geralmente pegam so um ou dois, e as vezes nenhum. Essa pratica continua durante o comecio da chuva, mas e relativamente incerta, desde que o pescador possa gastar duas ou tres horas sem pegar nada.

O tipo mais comum da pescaria na chuva, uma vez que o mato está inundado, é com anzol, suplementado com arco e flecha. Esse tipo de pescaria e quase sempre individual, ou com duas pessoas numa canoa no maximo. Quando a floresta fica inundada, varios arvores comecam dar frutas, e os peixes vegetarianos vem para comer as frutas e então vem piranhas para comer peixe. A estratégia e pescar nos lugares onde comem os peixes, e os Kren Akorores conhecem muitos desses pontos, entre cinco minutos e uma hora da aldeia, espalhado pela mato. Homens podem sair da aldeia a qualquer hora, mas geralmente saiem de manhã e ficam até que pegarem bastante peixe, ou um pouco antes do por do sol. O pescador usa varias tipos de linha sem chumbo e com anzol pequeno, para explorar melhor os populações de peixe relativamente pequeno. Desde que também tenha peixe maior, precisa tomar cuidado para a linha não arrebentar (o que acontece de qualquer forma) e portanto os peixes maiores são puxados até a canoa, onde o pescador os fura com uma flecha. O peixe mais encontrado é piranha, mas pega-se matrinhã, piau, curimatã e outros com minhoca. Geralmente o pescador usa minhoca até que pegar um peixe, quando corta isca do peixe e usa isso para pegar piranha, muitas vezes pescando com duas linhas, uma para piranha e outra para matrinhã e os outros peixes. A população dos peixes se muda muito, e geralmente o pescador pesca em varios lugares, até quinze num dia. Uma boa safra de peixe num dia seria mais ou menos vinte peixes, todos deles menos do que dois kilos, de um peso total de dez kilos. Num dia

de mal sorte pode pegar muito menos se pegar só peixe pequeno, mais geralmente os homens pescam em tantos lugares e para tanto tempo que pegam uma quantidade de peixe respeitável. Essa padrão continua até abril ou maio, quando a floresta começa esvaziar e os primeiros peixes de couro podem ser obtido no rio.

Nas ambas as estações a pescaria pode ser ou individual ou colectivo. Na secca um grupo de homens podem pescar todos no mesmo lugar, e pode entrar e sair da aldeia junto. Na chuva os homens somente saiem e voltam á aldeia juntos, porque a dispersão do peixe necessita que os homens pescam sozinhos. Portanto, pescaria colectivo e infrequente e em grupos pequenos na chuva. Uma pescaria colectiva na chuva de 1980-81, com arco e flecha para curimatã foi bem assistido. Na secca, pescarias colectivas são comuns, e com grupos maiores. Pescaria individual depende de vontade individual, embora discurso na praça dos velhos freqüentemente dê ênfase nos virtudes de pegar muito peixe para todo o mundo comer bastante, e diga que as mulheres ficam com "raiva" caso os maridos não pegarem bastante peixe. As pescarias colectivas são organizadas como a extensão desses principios na pratica durante os discursos na praça, quando varios homens decidem de pescar, e outros concordam. Muitas vezes é dito que "todos os homens vão pescar" mas dificilmente acontece isso na pratica. Aparentemente isso representa uma organização ideal para o trabalho que geralmente se dá aproximadamente. Não é esperado que todos os homens vão pescar todos os dias, mas quando tiver nenhum peixe numa casa para mais do que um ou dois dias, as mulheres comecam fazer commentarios.

### A Caça

Nas comparações entre o Peixoto de Azevedo e o Xingu, os Kren Akorores dão ênfase na transição duma subsistencia baseado na caça até uma subsistência baseado na pescaria (isto é

159  
1096182 8

em termos de proteína). De fato, o escassez relativo de caça no Xingu é a diferença mais comentado quando eles falam nas diferenças em produção da comida no Peixoto e o Xingu. Os Kren Akorores descrevem a falta da caça no mesmo jeito que eles falam na situação atual geral- lá, tinha muito, aqui tem pouco. A falta da caça faz parte de uma condição geral de falta, e é uma maneira de dizer que a sociedade Kren Akorore no Xingu é uma sociedade reduzido, um pedaço, ou uma imitação duma sociedade anterior maior. Carne é descrito como "nansisi impe" (extremamente bom para comer) e é a comida mais valorizado. As qualidades de carne e dos animais de caça tem amplos significados nas ideias de doença e saúde, feticheira, musica, ritual, e dança, mas aqui vou descrever so técnicas de caçar.

A diferença maior entre a caça no Xingu e no Peixoto é a introdução de armas do fogo no Xingu, e armas e munições são entre os bens mais valorizados atualmente. Kren Akorore dizem que matam menos caça no Xingu ainda que tenham espingarda. Os informantes dizem que os Kayabi e Suya já mataram todos os bichos na região, e isso é de uma certa forma verdade. Pessoas que conhecem o Posto Leonardo dizem que lá, onde moram os alto xinguanos tradicionais que tem proibições de comer carne, tem muito mais veado, porco do mato, anta, e outros bichos grandes do que no norte, onde todos os grupos comem caça. Kayabi e outros indios do Xingu que visitaram o Peixoto também dizem que lá tinha mais caça. Acho provavel que o uso da espingarda no Xingu contribua a falta de caça atual.

Os Kren Akorores tem um orgulho que eles sabem caçar tradicionalmente e não usam cachorros como fazem Kayabi e Suya. Eles seguem os rastros dos animais e comecam muitas vezes num lugar onde um bicho comeu ou dormiu. Observam os sinais dos bichos comerem na roca e conhecem muito bem os habitos alimentares dos bichos, por exemplo, que porco do mato come cará, veado e anta comem folha de

mandioca. São oportunisticos, e sempre levam ou arco e flecha ou arma de fogo quando forem para a roca ou para qualquer lugar fora da aldeia, mesmo que não seja planejado uma viagem para cacar. Embora quase todos os bichos matados durante minha estado fossem matados com espingarda, ainda fazem flecha para cacar, com pontas de madeira, mais ou menos dez centímetros de comprimento, levemente amarrado na lanca para quebrar na ferida e aumentar o fluxo do sangue. Antigamente matavam até anta com esse tipo de flecha.

Os Kren Akorore comem a maioria dos mamiferos, embora nem todo o mundo coma todos os partes de todos os animais. Talvez seja mais correto dizer que eles matam qualquer bicho que encontram, desde que expedicoes para cacar são para pegar animais especificos. Caçam, nesse sentido, para anta, caítitu, queixada, dois especies de macaco, veado, tatu, paca, onça, e varios especies de passaros. Tamandua, capyvara, jacaré, ariranha, coati e umas cobras não venenosos eles também matam e comem, mas ninguem diria que ele ia cacar para cobra, por exemplo. Me parece que a prática de caçar e os proibições de comida tenham mudados desde que eles chegaram no Xingu, porque embora digam que comem e não comem os mesmos bichos no Xingu que eles comiam (e não) no Peixoto, existe inconsistencias entre o teoria e a pratica atual. Por exemplo, uns informantes dizem que so homens que comem jacaré, enquanto outros dizem que velhas tambem podem comé-lo, enquanto outros dizem que as mulheres podem comer a cabeça mas nao outros partes. As mulheres de fato comeram jacaré, e não só a cabeça, e não só velhas. Com cobras também, todos os informantes concordam que eles comiam cobras não venenosos no Peixoto, mas alguns dizem que somente as mulheres comem cobra, outros dizem que todo o mundo come, e outros dizem que só os velhos comé-las. Dois homens que disseram que só velhos podem comer cobra deram pedacos de cobra para seus filhos jovens comer. Precisa de mais investigação para determinar quais espécies foram e não foram comidos no Peixoto, mas é claro que os espécies dados como especificamente

160/1096180  
AT

cacados foram comidos porque esses são mencionados nos discursos na praça e são altamente valorizados.

Kren Akorore reconhece tres tipos de tatu, quatro tipos de macaco, e quatro tipos de onça. Se diz que come só onça pequena. Também tem muitos espécies de passaros não comidos, além daqueles comestíveis. Dão menos ênfase aos passaros do que animais ou peixe nas comparações entre o Xingu e o Peixoto. A caça colectiva, o que faz parte do ciclo ritual mais importante ainda feito, é sempre para matar animais específicos- ou anta, macaco, tatu, ou onça. Esses espécies são os mais valorizados e são descritos como "gorduroso", um característico extremamente valorizado.

A caça, como a pescaria, pode ser ou colectiva ou individual. A caça individual, ou a caça em grupos pequenos pode ser feito em qualquer estação. Os homens podem sair da aldeia a qualquer hora e ficar cacando entre umas horas e o dia todo. Se caça individualmente também a noite, especialmente logo depois da começo da chuva, quando paca vem para beber na lagoa. É por causa de caçar a noite que os Kren Akorore querem lanternas, o que possibilita a caça de veado, paca, e jacaré a noite. Saem de canoa e botam o luz nas margens da lagoa, elhando para a reflexão dos olhos do jacaré ou paca, aproximam o mais proximo possível sem despertar o bicho e atiram. Podem seguir paca se for embora no mato, mas jacaré entra na água e não pode ser seguido se for despertado.

A tecnica da caça individual no dia é aparentemente simples. O homem anda pelo mato numa área onde já viu caça (ou já viu sinais da caça, ou escutou caça) e olha para rastros ou para os bichos mesmos. Mas na realidade esse processo é mais complexo do que parece porque o cacador anda muitas vezes num mato bem fechado, olha para os arvores para passaros, para o mato para bichos, para o chão e para rastros e buracos de tatu e outros bichos, bem como olhar para arvore para abelha, e tudo isso no mesmo tempo e com um rapidez impressionante para o inexperiente. Tais expedições

PROC. N.º FUNAI 10.967/80.  
Fls. 161  
Rubrica *M. S. Silva*PROC. N.º FUNAI  
Fls. *11*  
Rubrica

são fletos somente com armas de fogo na atualidade, e portanto os quatro espingardas que eles tem circulam bastante. Mas por causa do uso de armas de fogo, poucos homens matam a maioria da caça, porque uns sabem usar espingarda melhor do que outros. Dizem que antigamente só os velhos que mataram bichos grandes e os jovens mataram caça menor, como macaco, mas hoje em dia uns sete jovens matam quase toda a caça, apesar do fato que um velho é dono de uma das duas espingardas de 16 que tem na aldeia. (Ele geralmente empresta a arma para o genro dele). Os cinco homens mais velhos na aldeia quase não caçam atualmente.

A caça, assim como a pescaria, depende de um conhecimento profundo dos hábitos dos bichos e os seus mudanças estacionais. Anta, por exemplo, se procura nas áreas que tem árvores cujas frutas são comidas na chuva pelas antas. Também pode procurar nas áreas um pouco mais elevadas do que as áreas que ficam inundados primeiro, as quais se tornam ilhas no começo da chuva onde os bichos ficam mais ou menos isolados. Em parte, é porque os bichos podem ser localizados quando comerem frutas que se faz caça colectiva na chuva.

Varias expedições colectivas foram feitas na chuva de 1980-81, e essas geralmente conseguiram fornecer bastante carne para a aldeia. Mesmo assim todo o mundo concordou que essas expedições pegaram muito menos caça do que era normal no Peixoto. O pessoal não fica satisfeito com a productividade da caça no Xingu, apesar do fato que eles nitidamente tem adaptado bem aos condicoes do Xingu e ganham uma vida mais ou menos igual qualquer outro grupo xinguano.

### A Roça

Embora que a roça tenha uma importancia secundaria para uns outros grupos Ge, não é isso o caso dos Kren Akorore. Talvez até mais do que tradicionalmente a roça seja um fonte de orgulho para os Kren Akorore. A plantação das roças no sitio da aldeia atual foi o base que permitiu os Kren Akorore uma autonomia no Xingu (depois de morar com Kayabi, Suya, e Txucarramãe) e foi só na aldeia atual que a taxa de nascimento

1096110  
10/11/00

começou aumentar depois de contato com a sociedade nacional. A roça é atualmente um fonte de excedente agrícola (banana, amendoim, mamão, e batata) que é importante para o status do grupo no parque porque permite um acesso aos bens desejáveis na troca. Porém, a roça, como a caça, é descrito como diminuído relativo ao Peixoto. As roças são assuntos comuns para os discursos dos velhos na praça, e os velhos urgem o pessoal para roçar roças grandes e plantar muitas plantas. Esses discursos representam as verdadeiras valores Kren Akorore (valores do Peixoto) e o fato que tratam da roça quer dizer que ela foi muito importante tradicionalmente.

A forma e desenho da roça Kren Akorore é único no Xingu. Os informantes dizem que as roças dos outros grupos são diferentes (de fato, pequenas e feias) do que roças Kren Akorore, e um piloto da FUNAI quem conhece bem o região diz que a roçada Kren Akorore é a maior no Xingu.

O trabalho de roçar e plantar roças é feito principalmente no final da seca e no começo da chuva, embora homens possam limpar roças velhas na chuva. Roçar e cortar pau são as tarefas que levam mais tempo e tradicionalmente começaram com a parada da chuva em abril ou maio e continuaram até julho ou agosto. Idealmente uma roça deve seccar por um mês ou mais para queimar bem. Depois de queimar a roça é limpa para tirar pau queimado no máximo possível. O pau é jogado aos lados da roça para depois usá-lo como lenha. Sejam o que for os outros efeitos dessa limpeza secundária, o efeito principal para o pessoal é estético - uma roça com muito pau queimado é considerado sujo e feio. O fato que os outros grupos vizinhos não fazem tal limpeza, além do tamanho da roça e o desenho das plantas, é o que é considerado feio pelos Kren.

A aldeia atual tem vinte-uma roças que produzem atualmente, embora nem todas delas produzam todas as vegetais que podem ser plantados numa roça. Também tem doze roças velhas que não produzem nada, ou um pouco de mamão. Uma roça média tem uma circunferência de mais ou menos cento oitenta e cinco metros, mas algumas são bem maiores. Nesse ano dezesseis homens fizeram roça nova, mas no ano anterior só oito fizeram; não

é preciso que todos os homens adultos plantem roça cada ano, embora a maioria do pessoal geralmente faz. Uns homens plantam mais do que uma roça num ano. Um, por exemplo, tem quatro roças atualmente dando, e outros homens tem tres. Quem é o dono da roça depende de de quem voce pergunta. Homens dão uma resposta masculino e mulheres dão resposta feminina; o que quer dizer que a roça pertence a familia. Mas quem usa a roça não depende do dono; geralmente grupos de mulheres tiram comida da roça da uma das mulheres, ou seja, uma roça plantado por o marido da uma das mulheres. Mulheres também podem tirar comida das roças dos filhos delas, e fazem isso no mesmo jeito em grupos de parentes ou vizinhos. Direitos das roças são investidos na familia da mulher do homem que fez a roça, e secundariamente na familia da mãe do homem que a fez. No caso de divorcio, direitos de uso da roça ficam com a mulher.

O trabalho de roçar pode ser fiato ou individualmente ou collectivamente. Nesse ano, uns homens começaram de roçar em maio e trabalharam individualmente até o começo de julho, quando os homens todos começaram de roçar e cortar arvores grandes collectivamente, conforme as sugestões dos velhos nos discuros na praça. Trabalharam tudo junto de roça em roça, até acabaram todas em agosto. Dizem que esse trabalho colectivo é tradicional.

Tradicionalmente eles não usaram machado de aco, nem facção e fizeram o trabalho todo com machado de pedra. Dizem os informantes que levava muito mais tempo fazer roça antigamente. Nem todas as arvores foram cortados- deixaram os maiores em pé depois de descascá-los para matá-los. No Xingu, so deixam arvore enorme em pé na roça, e cortam até uns dos maiores. Parece que, com machado de aco, não há mais necessidade de roçar colectivo como talvez houvesse no Peixoto. Pelo menos, tem o exemplo dos Kayabis, que fazem roça ou individualmente, ou em grupos pequenos familiares, embora digam que fizessem esse tipo de trabalho colectivo antigamente.

162 10090180  
Trabalho na roça geralmente não continua o dia inteiro, mas é feito para quatro até seis horas de manhã, e depois o homem pode fazer artesanato, ou pescar ou caçar.

Queimam as roças novas no agosto, imediatamente depois da primeira chuva. O pessoal também sabe a estação do começo da chuva pela posição dos pleiades no céu a noite. Numa altura determinada o pessoal espera o começo da chuva. O ideal é roçar e depois deixar a roça secar entre um e dois meses, para depois queimá-la. Queimam as roças novas num dia com bastante vento, para queimar bem. Muitas vezes o fogo espalha pelo mato de jeito que queime roças velhas, onde tem banana e outras plantas, porque não tem jeito de controlar a direção do fogo. Por causa disso todo o mundo tira banana verde e madura em grandes quantidades antes de queimar roça nova. Geralmente o fogo não danifica as roças velhas gravemente, mas queima só as frutas. O resultado de queimar roças é um série de círculos pretos e cobertos de cinzas.

Depois de queimar, fazem uma limpeza secundária nas roças. Cortam todas as terras queimadas e tira pau do chão, até que tem um espaço bem limpo, cercado com pau parcialmente queimada. Esse trabalho é também feito por grupos de homens, mas grupos de mulheres jovens também podem fazê-lo, embora elas não cortem pau grande.. As vezes os "donos" das roças fazem essa limpeza sozinhos, ou podem fazer uma limpeza mais extenso depois a do pessoal, e mais ainda nas roças onde vai plantar amendoim. Nesse caso, tiram todos os cepos, raízes, paus, etc, do centro da roça onde vai plantar amendoim (ou batata doce) e queima outra vez. Essa limpeza é especialmente meticoloso, e leva uns cinco ou seis dias mais de trabalho extra depois da limpeza secundária (ie, trabalho do homem individual que vai plantar amendoim). Esse trabalho é considerado muito importante para uma boa safra de amendoim ou batata doce.

PROC. N.º FUNAI 1096/80 15

Fls. 163

Rubrica

*Juliano*

Embora que considerem as rocas no Xingu como reproduções empobrecidas das rocas no Peixoto, plantam todas as vegetais que plantavam tradicionalmente, bem como uns especies que eles não conheciam antigamente. As plantas tradicionais são mandioca, milho, abóbora, batata doce, cará, amendoim, banana, algodão, urucum, e as plantas novas são mamão, melancia, mandioca mansa, mandioca doce para fazer mingau, cana de acucar. Eles adquiriram sementes e mudas dos Kayabis e Suyas quando eles chegaram, e trouxeram só mandioca do Peixoto, e agora tem conseguido todas as plantas que plantaram, mas acham a qualidade má. Dizem que as plantas Xinguanas dão pouco, e tem frutas pequenas. Pessoas que visitaram o Peixoto, bem como Kayabis que conhecem o Teles Pires (o que fica perto do Peixoto) dizem que a terra lá é melhor. Os Kren Akorore chamam a terra de lá "preta", e a terra do Xingu "vermelha".

Eles reconhecem tres tipos de mandioca - mandioca brava para fazer bola de mandioca e farinha, mandioca brava para fazer mingau, e mandioca mansa. Dentro do tipo para fazer mingau, tem tres sub-tipos; um que dá para fazer só mingau, um que dá para fazer ou mingau ou polvilha para fazer beiju, e um que dá para fazer só polvilha. Os Kren Akorores sabem fazer beiju, mas não fazem geralmente porque não tem a mandioca do tipo que é bom para tirar polvilha. Distinguem dois tipos de cará, o normal e o grande, e tem cinco tipos de bananas nomeados. A banana é altamente valorizado, e todo o mundo gosta de falar sobre as roças grandes cheias de banana no Peixoto, e plantam muitos hoje em dia, de maneira que tem um excedente da banana na secca, e trocam com outros grupos, dão para o posto Diauarum, etc. Distinguem dois tipos de amendoim, branco e vermelho, e também distinguem milho pelo cor. Tres tipos de batata doce, diferenciado pelos cores são plantados.

A época certa para plantar varia para plantas diferentes

163/1096-180

e depende da intensidade e frequência da chuva. Logo depois da primeira chuva, planta-se mandioca e então cara e abóbora. Com chuva um pouco mais pesada, planta-se muda de banana, mamão e milho, e quando chover bastante planta-se amendoim. O trabalho de plantar é geralmente individual, a não ser que a mulher trabalha com o marido, ou irmãos podem plantar juntos. É importante que as vegetais diferentes tem prazos para ficar madura diferentes, por que assim dá pelo menos uma planta em todas as estações do ano e portanto sempre tem alguma vegetal para comer.

A plantação é feita conforme um plano específico do espaço na roça altamente valorizado que corresponde à divisão significativa do espaço da aldeia. Certas plantas tem que ser plantados na periferia da roça e outras no centro. Plantam, por exemplo, mandioca e cará nos círculos na periferia da roça, e também banana. No centro pode plantar ou amendoim ou batata. Informantes dizem que é extremamente feio plantar amendoim na periferia entre a mandioca e as bananeiras, como fazem os Txucahamães. Melancia e abóbora são plantados num parte da periferia tudo junto, e não fazem círculos em cerca da periferia. Milho é geralmente plantado na periferia em círculos mais pode ser colocado em linhas retas que atravessam a roça. Também pode botar milho no centro duma roça velha, na segundo ano de produção. Bananeiras também pode ser plantados nas linhas cruzadas que atravessam o centro da roça. Essas detalhas da organização do espaço na roça, jnto com magica da roça, oferecem a oportunidade de analisar a agricultura dos Kren Akorore da ponta do visto simbólico, o que será um parte integral da minha tese.

Steve